

## AGRICULTORES: LAVOURAS DO SABER, LAVOURAS DA VIDA OU UM PROCESSO DE PRODUÇÃO DA SUPERAÇÃO DA POBREZA VIA PRODUÇÃO DO SABER APROPRIADO<sup>1</sup>

*Rosana Vieira Ramos<sup>2</sup>*

### **Introdução**

Esse trabalho apresenta uma (possível) análise da experiência de produção e apropriação do saber de senso comum e do conhecimento científico vivida por agricultores no município de Poço Fundo/MG. O trabalho de campo decorreu de uma estreita convivência com os agricultores em sua residência, lavouras, reuniões e assembléias da Associação dos Pequenos Produtores de Poço Fundo e da Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e região. Trata-se de uma abordagem de pesquisa qualitativa de caráter etnográfica considerando-se os estudos de Malinowski (1978), Abarello et al (1997), Lüdke e Marli (1986), Fazenda (1989); Geertz(2001) entre outros. A pesquisa buscou revelar a dinâmica central e os temas geradores do saber apropriado por esses agricultores.

### **O terreno da construção teórico-prática:**

O saber dos agricultores em foco contém o saber de experiência dos pais e antepassados e, também, parte de experiências produzidas pelo conhecimento científico. Partimos da proposição de Freire (1992) que pondera o seguinte:

*“Saber só de experiências feito”, como diz Camões, é exatamente o saber de senso comum. Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico”*

Com Santos (2001, 2002, 2003) consideramos a separação existente entre o saber de senso Comum e o conhecimento científico; uma separação imposta pela a ciência. Esse autor pergunta: como se pode romper com esta separação? Em seus estudos, vislumbra uma possível união entre saber de senso comum e conhecimento científico o que dá sustentação às elaborações constantes nesse trabalho. Assim, nosso objetivo geral é analisar o processo de produção do saber apropriado por agricultores nas

---

1 Este trabalho é parte da pesquisa para efeito de doutoramento realizado no Depto de Administração Economia/UFLA,/ MG.

2 Professora do Departamento de Educação da UFLA

relações sociais e culturais que se vinculam ao saber de senso comum e o conhecimento científico. Especificamente, buscamos: (1) analisar o processo de produção e organização do senso comum na cultura camponesa, identificando as práticas apropriadas; (2) analisar as relações de produção do saber dos agricultores em suas experimentações, avaliações e apropriação do conhecimento científico; (3) estabelecer relações entre o saber apropriado e a de superação da pobreza.

Os agricultores fizeram, e permanecem fazendo, dois importantes aprendizados: um é a experimentação, avaliação – adoção ou negação – criação, recriação ou adaptação do saber camponês e do conhecimento científico; outro, ocorreu quando romperam com uma possibilidade (um destino?) de pobreza e exclusão e transformaram suas condições de vida e trabalho em vida digna e trabalho digno. Encontram-se inseridos no mercado internacional como exportadores de café orgânico<sup>ii</sup> e café convencional sem agrotóxico. São conhecidos e visitados por outros agricultores, por pesquisadores, visitantes nacionais e estrangeiros.

Originalmente os frutos do saber camponês, que não foi apagado, voltam como lições que podem ser afirmadas ou negadas. Mas não deixam de ser fundamentos do saber produzido hoje. Temos como premissa a proposição de que o saber camponês é o saber de senso comum “fundante” nesse processo. E que, pela via do questionamento e da adoção seletiva do conhecimento científico o saber camponês se manteve traduzindo um modo de viver e fazer gerado na observação cotidiana da natureza, na recriação da tradição familiar e comunitária e na apropriação de parte do conhecimento científico.

Esse saber produziu indagações e curiosidades singulares, experimentações e observações próprias. Lidou com situações-limite e soluções construídas. Em sua produção foram realizados: estudos com temáticas geradas na necessidade cotidiana; encontros entre agricultores e com pessoas de referência de dentro e de fora do grupo; troca de experiências. Além disso, os agricultores valeram-se de vários instrumentos de acesso ao conhecimento científico, tais como: livros, revistas, televisão, computadores e Internet. E, ainda, contaram com a presença de pesquisadores e estudantes de universidades e institutos de pesquisa, técnicos de ONG e de certificadoras. Viagens internacionais de intercâmbio também fazem parte desta trajetória de construção do saber.

**Se existe apropriação do conhecimento científico na produção do saber desses agricultores, perguntamos: como se deu essa apropriação? Como usam o conhecimento científico a seu favor? Como negam o conhecimento científico considerado inadequado? Como misturam o saber camponês e o conhecimento científico? Entendemos que as relações entre senso comum e conhecimento científico são dialógicas. Contém um movimento que passa por observação e experimentação, configurando-se no ir-e-vir, de ser e se fazer no cotidiano. Essa dinâmica gera o que estamos denominando de saber apropriado. Apropriado no sentido de terem tomado posse, de fazerem seu o saber de experiência feito e o conhecimento científico. Apropriado, também, porque adequado aos seus interesses e modos de viver na sociedade. É esse processo que inspira a realização desse estudo. A seguir, trazemos as contribuições teóricas sobre senso comum e conhecimento científico para dar conta dessa compreensão**

Senso comum e conhecimento científico: aproximações possíveis na cultura camponesa

No percurso teórico realizado para compreendermos o que é saber apropriado conceituar “*senso comum*” e “*conhecimento científico*” adotamos Paulo Freire (1981, 1985, 1992) ao entender que o saber de senso comum é o “*saber de experiência feito*” e que, este, contém a possibilidade de sua própria superação pela via da práxis social. Com Santos (2001, 2002, 2003) enfatizamos que se trata de um saber de senso comum que ao se aproximar do conhecimento científico torna-se um saber de senso comum “*novo, prático esclarecido ou emancipatório*”. Já, Moscovici e Hewstone (1984), tratam senso comum como “*saber de primeira mão*”, que se transforma na aproximação do conhecimento científico.

Em uma outra vertente desse percurso teórico, cabe uma outra pergunta: o que é ciência? Santos (2003, p. 15) destaca que a ciência moderna tem na racionalidade uma de suas determinantes; assim, “[...] *conhecer significa quantificar. As qualidades intrínsecas do objeto são desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir*”. Assim “*rigor nas medições*”, as quantidades, revelam o objeto do conhecimento. Nesse paradigma, o método é a vida, e a vida é racionalidade. Dividir, classificar, definir regularidades ou relações sistemáticas entre o que se separou significa conhecer e fazer ciência.

Para Moscovici (1984), a ciência é *elucidação, é sistematização*, serve para refinar o senso comum, *transforma pela razão o que foi acumulado pela tradição*. Entretanto, de acordo com Santos (2003, p. 16)

[...] *o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum. É que, enquanto o senso comum, que se traduz no conhecimento prático, a causa e a intenção convivem sem problemas, na ciência a determinação da causa formal obtém-se com a expulsão da intenção*.

**A esse rompimento, o autor denomina de primeira ruptura epistemológica, ou aquela que funda a ciência. Além dessa, propõe uma segunda ruptura epistemológica, que é segundo ele, a ruptura da ruptura, ou a aproximação da ciência com o senso comum. Em suas palavras [...] a dupla ruptura procede de um trabalho de transformação tanto do senso comum como da ciência, (SANTOS,2002, p. 45).**

Analisando a relação entre senso comum e ciência, Moscovici & Hewstone

(1984) falam da geração de uma *epistemologia popular* que tem como objeto de estudo particular o senso comum, um dos focos desse estudo. Interessa-nos compreender como o homem comum se faz sábio amador, segundo Moscovici & Hewstone (1984); considerando, nesse caso, os agricultores de Poço Fundo. São esses os sujeitos que no cotidiano buscam fazer aproximações do senso comum com a ciência. Para isso, passamos a considera-los usando a noção de cultura e, nela, a especificidade da cultura camponesa como dimensão fundante do processo de produção do saber apropriado.

Construindo o conceito de cultura, Chauí (2003) discute a relação entre cultura popular e ciência. Sendo a ciência e o conhecimento científico associados à cultura de elite, a autora problematiza esta dicotomia e também coloca em questão o prestígio adquirido pela ciência, vista como discurso competente. Apoiados nessa autora, é possível considerar as lutas decorrentes das desigualdades geradas pela legitimação da ciência como discurso competente que, simultaneamente, produz a incompetência do saber popular. A perspectiva de Chauí (2003), na qual a cultura é avessa à unificação, permite a compreensão do saber popular como discurso competente, em que pesem análises que subtraem

legitimidade desse saber.

Ao se fazer, fazendo o mundo, os sujeitos sociais fazem cultura. É o que entende Freire (1980, p.54), em sua análise de processo, quando afirma: “*a cultura só é enquanto está sendo. Só permanece porque muda. Ou, talvez, dizendo melhor: a cultura só dura no jogo contraditório da permanência e da mudança*”. Tratamos, ao modo de Freire (2001), a cultura como um “*que fazer global*”, a partir do saber de experiência feito, que se supera na ação de criação e recriação do mundo. Para ele, o mundo é ato criado pela práxis humana. É produto do trabalho do saber ou da cultura, no sentido original de cultivar (plantar, fazer “agri- cultura”) e no sentido histórico de relação de luta e exploração, além de ser também possibilidade de solidariedade e reciprocidade nos diferentes modos de estar-no-mundo e fazer-o-mundo.

Buscamos perceber os processos a partir de diferentes combinações de relações tecidas entre os sujeitos, designadamente a forma como eles criam e recriam o saber vivido em experiências e práticas cotidianas, nas respostas dadas a “*situações-limite*”<sup>iv</sup> – conceito usado por Freire (1983; 1992; 2002), ao se referir às situações em que os sujeitos sociais se defrontam com obstáculos impostos pela realidade diante dos quais podem se submeter ou subverter. Ao subverterem superam o obstáculo.

O inacabamento do mundo nos permite a criação, a re-criação e o inusitado, a permanência e a mudança. Freire (1979, 1981, 1985, 1992, 2003) ancoram esta discussão e orientam a análise do vivido e transformado pelos agricultores de Poço Fundo

Nesse contexto, os estudos de Brandão (1980, 1986 e 1999) e de Woortmann e Woortmann (1997) fundamentam a análise da cultura camponesa, situando-a no processo de produção do saber camponês.

Em seus estudos, Brandão (1980, 1986, 1999) observa que a prática da reciprocidade que ocorre na relação do ser humano com a natureza, vitalizando um ciclo de dar-receber- retribuir é parte do processo de produção do saber camponês. Nesta relação, criador e criatura, ao cultivar a terra e produzir cultivos, o agricultor produz também cultura e sua própria reprodução como sujeito.

Nesta direção, segundo Woortmann e Woortmann (1997), há uma relação entre a produção da cultura como ação recíproca do ser humano que aprende atuando na natureza e a natureza que ensina quando observada e cultivada.

Esses autores, ao tratarem a categoria “*natureza e saber sobre a natureza*”, tecem vinculações entre a ação humana expressa no trabalho do saber que se funda no trabalho das idéias. O trabalho sobre a natureza é informado, antecipadamente, por um “*trabalho das idéias, o trabalho do saber, acumulado e em constante processo de atualização*” (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997, p. 36)

Ainda, segundo, Woortmann e Woortmann (1997), há uma diferença importante entre agricultura camponesa e agricultura capitalista, moderna. Essa última pretende “*corrigir*” a natureza que está errada: “*corrige o solo*”; faz adaptação das plantas e animais ao solo, ao clima; não respeita as combinações de plantas e os ciclos naturais, tendendo a colocar as demandas do mercado acima dos limites da natureza. Para os camponeses, a natureza ensina e está correta, o trabalho do ser humano sobre a natureza é, para eles, aprender com a natureza, sobre sua diversidade, seus diferentes tempos e ciclos, sobre o tipo de terra e as plantas que dali nascem, animais que ali crescem, suas combinações, oposições e complementaridades. **Relações geradoras do saber apropriado**

Paulo Freire (2003) destaca a importância da temática na produção do conhecimento. A temática é contextual e não deve ser vista como fragmentos ou unidades isoladas. Nesse estudo, buscamos localizar os “temas” e “palavras geradoras” na convivência com os agricultores. No momento da pesquisa exploratória, foram recolhidos os temas que geraram as questões norteadoras das entrevistas, conversas e temas que geraram as categorias de análise utilizadas.

Na produção do saber dos agricultores e agricultoras os contextos, as práticas e os conteúdos estão imbricados, indissociáveis. São intenção e gesto, trabalho das idéias e trabalho das mãos, pés e sentimentos, valores e ações correlatas, incompletude que busca o “aprendizado eterno” no cotidiano. Estamos tratando de um saber que é e está sendo gerado com raízes na terra, na família, na história de organização da comunidade, da associação e da cooperativa, na produção e exportação do café diferenciado e, no projeto de sociedade almejada.

Com quem aprenderam? Perguntamos. Não há um professor “específico”, um lugar determinado, uma situação pontual de produção do saber. Pessoas, situações, formas de organização são referências importantes nesse processo, afirmam os agricultores. Porém, destacam com primazia o aprendizado que ocorre na relação de produção do saber existente de agricultor para agricultor, o aprendizado com a terra, a planta, o fruto colhido e o produto vendido. Esses, não são conteúdos estanques, pelo contrário, contém dinâmicas de relações construídas e práticas de produção do saber que são elementos constitutivos do saber ora analisado. A metodologia da produção do saber se funda na troca de experiência entre agricultores, na observação e na experimentação. Seu Raimundo fala do aprendizado do agricultor com outro agricultor: “Aqui não é competição, se a gente aprendeu alguma coisa a gente passa aquilo adiante, se a gente aprende e guarda para si não vai ajudar nada, se agente passa adiante aquilo vai dar muito fruto”

Essa fala é expressão do que estamos denominando de relações sociais horizontais no processo de produção do saber apropriado. Essas relações são dialógicas, ocorrem em um duplo movimento que singulariza a troca. Tomé, diz que “são várias pessoas, juntando vários conhecimentos, juntando várias experiências praticadas por pessoas e chegamos onde nós estamos hoje – em um projeto bastante avançado nesse sistema de produção”. Os pioneiros abriram caminho como costuma-se dizer: não havia “tecnologia”, “uma fórmula pronta” para o sistema de produção orgânica, a “pesquisa de universidade ainda é pobre nesta dimensão orgânica”, ponderam eles. Muitos consideram que aprenderam sozinhos, observando e experimentando, estabelecendo uma relação estreita de acompanhamento às ações e reações ocorridas entre a ação humana, a dinâmica da terra, da planta e o fruto colhido. Aprender “sozinho” não estanca o processo de ação compartilhada, associada, cooperada, vivida nos espaços de organização na associação e da cooperativa – os grupos de bairro, as reuniões de primeiro domingo do mês, e nas assembléias.

No processo de produzir o saber apropriado usam o “método” da observação permanente. Nela, vão de reconhecendo dos indicadores apresentados pela terra e pela planta. Observam “pesquisam”, como dizem; “palmo a palmo” de terra, planta por planta, situação por situação onde “cada caso é um caso”. Dos dados colhidos nesta observação decidem o que fazer, como fazer e já sabem porque fazer. Aprenderam, o porquê fazer, fazendo a relação entre o observado e os resultados, fazendo experimentações. Tais experimentações podem estar sendo feitas em sua lavoura, ou na lavoura do vizinho; a troca de experiências possibilita o ensaio, o risco trocado. Cada agricultor, porém, não escapa do risco particular, porque como



eles mesmos afirmam. “Cada caso é um caso”. Essa dinâmica ganhou corpo e se transformou em um processo de produção do saber que vem sendo apropriado por cada agricultor e pelo conjunto deles.

### **A terra e a planta: temas geradores do saber**

Eles afirmam: que aprendem com a terra e com a planta. A planta principal focalizada é o cafeeiro. O café é fruto enquanto vinculado ao “*consumo só para o gasto*”, cultivado na temporalidade da agricultura camponesa. Passa a ser fruto e produto na temporalidade da agricultura sem agrotóxico é, quando o café passa a ser mercadoria e passa a “*comprar tudo*”. Consideramos que práticas da agricultura camponesa permanecem mas, nelas são agregadas, seletivamente, práticas da agricultura moderna (ou convencional?), e práticas da agricultura orgânica.

A terra, ainda, é o “*reino*” que produz os frutos da “*libertação*”, nela a comunidade se faz. E comunidade significa “*laço de luta, laço de solidariedade, laço político*” que o “*estrangeiro*” não consegue compreender ou traduzir, mas quando compreende valoriza e assim a noção de comunidade se transforma em valor agregado ao produto “*re-significando*” as relações que semearam, cultivaram, colheram e comercializaram o produto café vendido no mercado (dito) justo ou *fair trade*. Esse mercado vem conferir, via inspeção e certificação, se os vínculos e práticas das relações de produção são familiares, solidárias e de cooperação, de inclusão de mulheres, justiça e preservação ambiental.

A terra produz os frutos do trabalho, do suor. Mas a terra também é produzida, no sentido de melhoramento da fertilidade; eles dizem: “*nos estamos melhorando nossa terra*” A terra orgânica é viva, é terra familiar, local e planetária; preservada. Sendo viva, a terra nutre a planta, significando equilíbrio ou desequilíbrio. É diferente da terra na agricultura convencional que “usa a terra apenas como substrato para manter a planta em pé”, constitui, portanto, uma ruptura que produz a diferença da agricultura sem agrotóxico e orgânica da agricultura convencional que corrige a terra e usa “veneno” para controlar pragas, doenças e plantas consideradas indesejáveis e daninhas. Da terra depende a saúde da planta, do fruto, o alimento do produtor e consumidor. Dela depende a vida.

“*Uma coisa que não pode sair da mão do pequeno é o pedacinho de terra*”, diz Seu Raimundo. Terra também é “*coisa*”, matéria concreta, bem e mercadoria que é negociada de preferência entre parentes e, em último caso, com “*gente de fora*”. Como bem ou patrimônio, está na “*mão do pequeno*” produtor e, por ser pequena, é um “*pedacinho*” transforma o proprietário em “pequeno” também. Esse “pequeno” se torna “*grande*” no processo de conquista da capacidade produtiva, na força da organização e no projeto de preservação da terra-planeta. Mas, em Poço Fundo “*não tem latifúndio*”, “*não tem fazendeiro*”. Os maiores proprietários têm até 100 hectares de terra, os “*pequenos*” têm entre 2 e 40 hectares de terra.

Terra expressa uma teia de relações sociais. As relações de parceria no uso da terra são baseadas nas relações de parentesco ou de propriedade da terra. Os pais criam os mais variados arranjos para garantir a permanência dos filhos na terra. As famílias têm parcelas de terra próximas ou distantes da residência, em parceria com os filhos e parentes ou com outros proprietários de terra. Há acordos verbais, acordos registrados na associação, parceria de 50%, “*a meia*”, 30%, 40%, “*o patrão (dono da*

*terra) entra só com a terra, o parceiro forma o cafezal e divide a colheita”* segundo o acordado na parceria. O “pequeno” produtor é proprietário, é “*patrão temporário*” quando contrata pessoal para a colheita e pode fazer parcerias no uso de sua terra. A parceria é um contrato que ocorre dentro ou fora da família, pode ser um contrato necessário quando a terra do pai ainda não foi dividida entre os filhos quando o agricultor pode expandir sua área plantada, mas não pode comprar outra área de terra ou ainda quando ele não é proprietário de terra há nisso, um aprendizado.

Os filhos, futuros herdeiros, podem viver, construir sua casa na terra do pai quando ainda não se deu a partilha do patrimônio, nesse caso ocorre doação de terra de pai para filho ou filha. O pai pode ainda “*separar um cafezinho*”, separar uma pequena área de lavoura de café, para o filho pequeno, adolescente ou jovem. Os filhos maiores cedo começam a assumir serviço na lavoura do pai ou naquela designada como “*sua*” lavoura, para aprender a cuidar, “*tomar gosto*” pela lavoura e como força de trabalho familiar, ou força que “ajuda” diria, Woortmann e Woortmann (1997). Dependendo da idade e do tempo disponível porque a escola é prioridade em relação ao trabalho na lavoura. O pai pode, ainda, comprar terra para o filho “*que se casou, logo precisam de mais terra para sustentar duas famílias*”. O pai assume a responsabilidade de “sustentar” a ampliação da família; retorna o valor da família extensa, típica da agricultura camponesa.

Conhecer a terra pelo olhar, pelo toque, pela observação das plantas que nascem espontaneamente, pelos “bichos” que se encontram dentro e fora da terra, pela florada do café e pela qualidade do produto – estas são outras lições que podemos descrever. Altitude e fertilidade adequadas foram herança do planeta terra no lugar onde se encontram as lavouras desses agricultores; a fertilidade da terra oscila na balança do cuidado ou “*des-cuidado*” do agricultor, o não uso agrotóxico e uso de adubo químico. A altitude poderá vir a ser prejuízo se o aquecimento global alterar o clima local. Prevenidos, já discutem esse assunto e fazem os primeiros ensaios de sombreamento do café. Já experimentaram leguminosas, como árvores “*boas para sombreamento*”; mas esta é uma introdução de conhecimento de “*fora*” para dentro; uma prática de experimentação. A leguminosa serve também para adubação verde. Do trabalho de observação verificam que as plantas do lugar como jacarandá, gema de ovo, ipê e pereira dão sombra e protegem a “*planta*” – o cafeeiro.

O saber de senso comum não dispensa, como fiel da balança, a análise técnica do solo feita em laboratório. Eles fizeram cursos e aprenderam a fazer interpretação destas análises de análise de solo. Ensinam e orientam os “*companheiros*”. Nitrogênio, fósforo e potássio – NPK – são apenas três elementos químicos importantes para a nutrição. Existem, dizem eles, de 17 a 42 nutrientes importantes para a planta. Adubo 20-05-20 é o “pacote” que alimenta a planta com apenas três nutrientes. Mas, além de necessidades nutricionais diferentes, as características da terra apresentam grandes variações; Pedro diz: é preciso “*pesquisar o tempo inteiro [...] tentando descobrir a diferença de uma planta para outra, de uma terra para outra*”, a terra do sol nascente é diferente da terra do poente, terra do lombo do morro é diferente da grotinha, a primeira é fraca, a outra é fértil. Pedro continua ensinando: “isto <sup>V</sup>é diferente do trabalho com agricultura convencional [...] “*já é um pacote: os mesmos tratos que usa em uma lavoura daqui é receitado pra outras regiões do país*” e, crítico conclui: “*isso é enganação, porque a terra, a distancia de alguns metros, ela muda completamente*”. Não é preciso ser agrônomo, ou técnico, mas é preciso “ter bom senso” e muita capacidade de observação para definir o quê fazer. A adoção da análise de solo é uma apropriação do conhecimento científico, os

resultados são usados em combinação com outros indicadores da fertilidade do solo resultantes do saber de senso comum. Solo argiloso, retenção de água, quantidade de matéria orgânica, terra compactada, terra não compactada, tipo de vegetação “que vai saindo”, cor da terra – são sinais que permitem uma outra análise e interpretação. Esta é uma “sabedoria da natureza”. Observando, o agricultor aprende. Existem plantas que indicam “terra boa” e plantas que melhoram a terra. No lugar de terra fraca, Pedro ensina semear mamona, deixar o pé ficar criado, depois cortar, picar e jogar no meio da “rua” [entre as fileiras do café] serve para “*arrebentar o solo*”, “guachuma”, sai quando a terra está compactada, “*terra dura*”, lugar de pisoteio de gado. Ela tem raiz dura, concorre com o café destruindo a lavoura.

Lucas ensina a “*ver*” e analisar o solo observando-se o aparecimento de plantas como caruru, picão, orapronobre, fazendeiro, cerralha, itapueraba aparecem, “*entram na lavoura*”, é sinal de terra boa, fértil; se aparecem quachuma e quabeira, ao contrário, é sinal de terra com deficiência nutricional. Minhoca, todo mundo sabe-só dá em terra “*saudável*”- adubo químico e agrotóxico combatem a minhoca. O estado de conservação do solo também é reconhecido – basta “*olhar*”. Desse olhar, do acompanhamento sistemático e do trato no tempo adequado pode-se, por exemplo, evitar erosão da terra. Os tempos da chuva ou da seca são tempos que exigem práticas distintas de cultivo e cuidado com a terra. A capina não pode deixar a “terra muito limpa”, ou seja: há também um termo adequado para a capina.

Animais como tatu e outros bichos, que retornam, porque antes haviam desaparecido, são bem-vindos, porque anunciam a vitalidade e a diversidade contida na terra “feita” pelo saber que faz dela reserva de valor econômico, social, cultural e ecológico.

A terra produzida é aquela em que os agricultores estão estabilizando a fertilidade da terra. É mescla de terra camponesa cultivada desde os tempos dos avós sem “veneno” e terra convertida; é a terra viva, saudável. Fruto do trabalho do saber e do fazer dos agricultores e agriculturas associados. Lugar de plantar e arrancar saberes que implicam conservação e mudança de práticas costumeiras e práticas introduzidas experimentadas e repetidas, negadas e criadas, recriadas. Eles asseguram: “*nós fazemos nossa terra*”. Terra feita no cotidiano e ao longo dos anos. Esse saber é ato articulado, aprendido nas relações familiares, nas relações de vizinhança, dos agricultores entre si, suas organizações e relações com o mundo. Esta terra é terra que ensina, é dádiva. A estreita relação entre a terra, a planta e o fruto retribuem a ação dos homens e mulheres que na compreensão desta dádiva se vinculam a ela – a terra - na prática da reciprocidade.

Observação e experimentação fazem dos agricultores aprendizes com esta terra. Nela nascem e crescem as plantas que também ensinam. Esta terra nessas mãos deixa de ser substrato físico e, passa a ser o lugar do equilíbrio biológico possível, resgatado por mãos humanas.

A *terra produzida* é pesquisada, por eles, palmo a palmo, planta por planta, ano a ano; dando-se a conhecer por aqueles que escolheram compartilhar a vida com ela. É natureza, “*coisa de Deus*”, é “*sagrada*”, “*cuidada*” vai ficar para os filhos, os netos, é presente e futuro – conservada não vai ser esgotada. Seu valor é econômico, cultural, social e ecológico. Mas de que adianta dinheiro, riquezas? Muitos se perguntam. Seu fruto tem valor maior, é universal, não é só local é internacional, assegura qualidade de vida para quem produz e para quem consome. É lavoura acompanhada pela presença constante do “*agri-cultor*” – aquele que cultiva a terra – e lê todos os seus sinais: desde a beleza das plantas às manifestações de desnutrição e doença.



“*A planta mesmo ensina a gente*”, afirma Sr. Filipe. A planta é outro tema gerador do saber apropriado. Segundo eles, a planta, nesse caso o café, até se parece com os seres humanos, mal nutrida, com fome, adoece. A convivência com plantas espontâneas, que nascem à volta da planta principal, indica as condições de fertilidade ou deficiências de fertilidade da terra. Essas são plantas espontâneas, e não são daninhas; são indicadoras: dão sinais sobre a situação da terra, ensinam; são interpretadas. Não são eliminadas com defensivos, são manejadas; podem servir de cobertura verde para o solo em determinados períodos do ano, ou são cortadas com enxadas ou roçadeira e servem de cobertura morta, cobrindo a terra protegendo-a do impacto do sol ou chuva, contribuindo para o aumento da vida no solo ou ainda, podem ser incorporadas ao solo enriquecendo-o. São amigas, não inimigas como são tratadas na agricultura convencional na qual são eliminadas com “*veneno*”.

Os pássaros que retornam, espalham sementes e povoam a terra multiplicando as plantas, naturais do lugar e as plantas que vieram de lugares outros para se transformarem em adubação verde, sombreamento, corretivo do solo ou cuidados com a fertilidade para que a terra se mantenha equilibrada ou mesmo para a recuperação de terras desgastadas.

Existe uma relação estreita entre a planta e a terra. É o que podemos ver na fala de Filipe, quando ele faz vinculações entre aspectos da terra e da planta que “*ensinam*”. A “*medida*” da qualidade da terra é conhecida pelos agricultores, também, por esta observação. Os indicadores observados vão do tamanho da planta que é correspondido pelo tamanho do “*sistema radicular*”, explicam Tomé, Thiago e Dona Emília, ou seja: “*da mesma forma que ela cresce para baixo ela cresce para cima*”. Além disto, acompanham “*o comportamento ímpar*” da reação da planta ao ambiente. Plantas “*deitadas*” dão sinal de terra compactada, onde o sistema radicular não consegue descer.

A presença de pulgão manifesta falta ou excesso de algum nutriente. A diversificação de plantas favorece o desenvolvimento equilibrado da planta, ela ensina de maneira “*sábia*” o que está faltando ou sobrando, basta o ser humano, também de maneira “*sábia*”, agir segundo os sinais que a planta apresenta. O conceito de plantas daninhas – vindo do conhecimento científico - foi totalmente alterado, elas são plantas indicadoras da situação da terra, elas chegam a “*dizer*” o “*que está faltando ou sobrando e onde nós devemos agir*”, afirmam eles.

Pragas e doenças também ganham novo sentido quando tratados com tanta proximidade. Ferrugem e bicho-mineiro são típicos do cafeeiro e aqui não são combatidas de forma direta com aplicação de qualquer defensivo, são “*tratadas*” de forma indireta, através da planta equilibrada. O pé de café “*saudável*” convive com o bicho mineiro e a ferrugem, esses sim, ainda vistos como “*praga*” adquirida “*de fora*”, do café convencional, podem causar dano econômico, mas a forma de tratá-lo muda - do “*combate*” para a convivência. O trabalho nesse caso, muda de foco, os agricultores deixam de focalizar as “*pragas e doenças*” e focalizam a nutrição e o equilíbrio da planta, decorrente do equilíbrio da terra. Nos casos graves o café pode ser “*banhado*”, eles fazem os mais variados “*banhos*” naturais ou industrializados, orgânicos. Lucas fala do cuidado preventivo com relação à ferrugem, usando hidróxido de cobre, em “*banho de contato*”. Outras doenças são conhecidas como ácaro, cigarrinha e, “*phoma*”. Mas não se faz controle das doenças pelo combate, elas são vistas como sinais, uma forma de “*avaliação*” indicativa do quê deve ser feito.

Se para esse agricultor, existem, no mínimo, 17 nutrientes diferentes necessários ao equilíbrio da relação existente entre a terra e planta; a falta de um deles, a falta combinada de um ou mais, ou por

outro lado o excesso implica em sintomas diferentes. Cada nutriente “*mostra a planta de uma forma*”, por exemplo: a “*carência de zinco provoca folhas compridas retorcidas com nódulos muito perto o que atrapalha radicalmente a produção*”. Carência de fósforo, “*aparece a rama apical muito dura e armada*”, fósforo é nutriente do sistema radicular, se esse não está se desenvolvendo bem, a “*planta não puxa*” nutrientes, fica “*emperreada*”. Se a terra está com “*ph baixo pode provocar queima da planta, é o excesso de alumínio que queima as boquinhos das raízes*” e, diz ele: “*assim por diante*”, como quem afirma, de novo que “*cada caso é um caso*”.

A cor da planta também é interpretada: café amarelado tem deficiência de boro, de zinco, explica Thiago. Além disso, há sinais no corpo da planta: a “*guia fica mais curta*” isto implicará em produção desigual. Mas além de nutrientes, a planta precisa também de “*trato*”, uma planta amarela pode estar faltando adubo, mas também pode estar faltando capina. “*Mudou a folha pode saber que está com problema. A gente aprende com a planta*”, como já afirmou Filipe. A cor e a beleza da planta não só encantam, mas são sinais “*levados em consideração*”: planta está sadia e equilibrada. Uma planta dependente de nutrientes químicos pode significar, também, um agricultor dependente, considerando-se a situação daqueles que usam adubo e insumo das indústrias agro-químicas. “*Independência*” em relação a estas multinacionais é uma bandeira de luta desses agricultores.

Além da cor, a situação da planta é analisada, também pelo tamanho da folha, pelo comportamento, podemos dizer; “*se retraída*”, “*folhas fechadas*” – “*sintomas de fome, de necessidade de nutrientes*”. Quando se vê na folha “*vigor, folha aberta, escura, cor bonita*” se pode afirmar a “*saúde*” da planta. Matheus, Paulo<sup>VI</sup> e Dona Emília relacionam a “*saúde*” da planta ao processo de saúde do ser humano. A planta “*é como a gente*”, saudável se bem nutrida ou doente, “*fraca*”, mal nutrida; alimento em excesso causa congestão e outras complicações; é preciso saber a medida adequada.

Eles fazem um estudo minucioso, um acompanhamento detalhado e permanente. Nesses “*experimentos*”, cada variedade de café é avaliada, isso define também o tipo de manejo – às vezes é preciso roçar, outras, capinar, outras ainda, é preciso “*entrar com o subsolador*”. Tomé, continua dizendo: “*necessariamente, você tem que estar movimentando esse tipo de solo, então é um estudo mesmo que é feito*”. Trata-se de um processo de apropriação do conhecimento científico que é desenvolvido pela observação permanente e pela experimentação intencionada, estudada.

### ***O SABER APROPRIADO: lições que mudaram a situação de pobreza***

Os agricultores sujeitos da produção do saber apropriado viveram e vivem um processo de permanente aprendizado que gesta e torna vivo esse saber. Trata-se de um processo aproximação e ruptura, repetição com observação e experimentação, criação, recriação; adoção total ou parcial, ruptura ou negação total ou parcial do saber de senso comum e do conhecimento científico.

Como vimos, são temas geradores das relações que produzem o saber apropriado: os sujeitos e suas relações sociais, a terra, a planta, o fruto e o produto..

As mudanças produzidas na vida desses agricultores revelam uma saída da condição de pobreza, isolamento no local, desvalorização do produto de seu trabalho, como vimos nas descrições e análises do Diagnostico (1994) para o acesso à condição de vida digna, expansão de sua sociabilidade reforçando laços e vínculos locais que garantem a solidariedade e reciprocidade interna à família, ampliada em suas

---

organizações de grupos de bairro, grupos de representação política, comercial e troca de experiências que se articulam nos níveis local, nacional e internacional.

Na relação com a natureza, essa é compreendida como meio ambiente em que os mesmos se incluem ora como atores, ora como observadores contempladores, observadores participantes, ora como experimentadores, “*pesquisadores*” – sujeitos ativos. Esta relação se faz, não pela subordinação e domínio da natureza pelos seres humanos, mas pela respeitosa relação em que os últimos podem **aprender com** a natureza de forma interativa.

As situações-limite: pobreza, desvalorização dos produtos da agricultora familiar, adoção da tecnologia de produção do café orgânico e sem agrotóxico, a fragilidade da associação – no início “*choveu e ventou*”- quase fecharam as portas, a produção orgânica sem mercado diferenciado, a inserção no mercado internacional, a certificação e a exportação do produto são experiências de superação do limite. Foram ou ainda são ponto de inflexão, ponto de mudança.

No Brasil e no mundo, as mudanças ocorridas em Poço Fundo podem ser vistas como mudanças locais, parciais, conquistas localizadas e limitadas, mas são mudanças reais, lutas demarcadas dentro de limites reais e possíveis, movidas pelo propósito de conquistas maiores, planetárias, tendo em vistas as novas gerações, a humanidade. São um exercício possível, visível, reconhecido nas lavouras do saber: lavoura da vidas. Onde há colheita dos frutos do trabalho da família, da comunidade, das organizações, do café exportado. Trata-se de um processo vivido no presente e de um devir intencional e um modo de se colocar a caminho. Ser por estar sendo, conforme Freire.

Transparência e simplicidade, intenção e gesto fundados, no saber de senso comum traduzido no saber de experiência feito, podem ser atribuídos a uma dimensão do saber apropriado, mas esse apresenta grande densidade e multiplicidade de formas práticas, que descrevemos de maneira parcelar nesse trabalho.

Procuram a teoria no interior da prática (do saber de camponês) e a prática de teoria (do conhecimento científico) articulando diferentes dimensões do ato de conhecer que costura momentos distintos ou complementares entre adoção e adaptação; ruptura e criação (ou re-criação). Em cada uma dessas dinâmicas, ou em todas elas, vai se dando a validação dos resultados do saber experimentado para que se realize a apropriação desse saber. Tal apropriação não se estanca finalizada, é inacabada. Se enraíza nos princípios da ética da vida saudável e do planeta preservado - para as gerações do presente e do futuro. O futuro é devir, mas não é frouxa promessa daqueles que esperam o que virá; é fruto plantado no presente para ser colhido depois da floração, no tempo adequado da maturação; é fruto cultivado hoje com muito cuidado e muito trabalho. Dão prova e reafirmam em falas, práticas e relações entre si, com o meio ambiente e com os “*outros*” – “*de dentro*” e “*de fora*” – parceiros ou não; que não é mais possível acreditar que os seres humanos ocupam um lugar tão privilegiado no planeta que possam fazer dele o que quiserem; ensinam uma epistemologia fundada no entendimento dos seres humanos como parte do meio ambiente e em complexa relação de interdependência. Nesta, é maior a dependência do humano em relação à natureza, tal dependência é vista como valor e não como ameaça. Assim, o reino vegetal, animal e mineral ensinam ao “*reino*” humano a coabitação no planeta em relação de interdependência.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 1993. 275 p.
- AGUIAR, A. R. C. **Saber Camponês e mudança técnica**: um estudo de caso junto a produtores do bairro rural de Cardoso, Poço Fundo – MG. 1992. 148 p. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Municípios mineiros**. Belo Horizonte. Disponível em: <[http://www.almg.gov.br/index.asp? grupo=estado&diretorio=munmg&arquivo=municipios&municipio=51701](http://www.almg.gov.br/index.asp?grupo=estado&diretorio=munmg&arquivo=municipios&municipio=51701)>. Acesso em: 14 mar. 2008.
- AZEVEDO, M.; LIMA, P. ; SPÍNDOLA, J. ; MOURA, W. Conversão de cafés convencionais em orgânicos. **Informe Agropecuário, Café Orgânico**. Belo Horizonte, v. 23, n. 214/215, p. 53-61, jan./abr. 2002.
- BERTICELLI, I. A. **Epistemologia e educação**: complexidade, auto-organização e caos. Chapecó: Argos, 2006. 198 p.
- BRASIL. Instrução Normativa nº 11, de 20 de outubro de 2000. Estabelece o regulamento técnico de identidade e qualidade do mel. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 out. 2000. Seção 1, p.16-17.
- BRASIL, Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Instrução Normativa, nº 7, de 7 de maio de 1999. Dispõe sobre normas para a produção de produtos orgânicos, vegetais e animais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 19 de maio, 1999, 8 p.
- BERTHELOT, J. M. **Sociologia**: história e epistemologia. Ijuí: Unijuí, 2005. 392 p. (Coleção Método e Teorias).
- BRANDÃO, C. R. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980. 197pp.
- BRANDÃO, C. R. **O afeto da terra**. Campinas, SP: Unicamp, 1999. 175 p.
- BRANDÃO, C. R. **O ardil da ordem**. Campinas: Papyrus, 1986. 41 p.
- CAIXETA; I. F.; PEDINI, S. Cafeicultura orgânica: conceitos e princípios. **Informe Agropecuário, Café Orgânico**. Belo Horizonte, v. 23, n. 214/215, p.15-20, jan./abr. 2002.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidades: novas identidades em construção. In: **Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.11.p. 53-75,1998.
- . **Estudos**, CARRIERI, A. P. **A racionalidade administrativa**: os sistemas de produção e o processo de decisão-ação em unidades de produção rural. 1992. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Universidade Federal de Lavras, Lavras. 205 p.
- CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2003. 309 p.
- CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. 339 p.

DAM, D. V. **Les agriculteurs bio** : vocation ou intérêt? Belgique: Namur, 2005. p.1-69.

*DIAGNÓSTICO Rápido Participativo. Poço Fundo, MG, 1994. 47 p. Mimeografado. FAIRTRADE Brasil. **O que é fairtrade.** Disponível em: <<http://www.fairtradebrasil.net/oquee.asp>>. Acesso em: 14 mar. 2008.*

FAZENDA, I. (Org). **Metodologia da pesquisa educacional.** São Paulo: Cortez, 1989. p. 143.

FREIRE, A. G. **Águas do Jequitinhonha**.: a gestão coletiva dos recursos hídricos pelos agricultores de Turmalina, Alto Jequitinhonha. 2001. 109 p. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Departamento de Administração e Economia, Universidade Federal de Lavras, Lavras .

FREIRE, A. M. (Org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001. 300 p. (Serie Paulo Freire).

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** São Paulo: Paz e Terra, 2002. 176 p.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 31. ed. São Paulo, Cortez, 1995. 87 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 158 p.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 79 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 93 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 184 p.

GARCIA JUNIOR, A. **O Sul**: o caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero, 1989. 285 p.

GEERTZ, G. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001., 247 p.

GONÇALVES, A. **Agroecologia, saber local e mercado**: um estudo sobre a agricultura familiar de Poço Fundo-MG. 2003. 183 p. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Departamento de Administração e Economia, Universidade Federal de Lavras, Lavras.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere.** Tradução de Carlos Nelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, 231 p. Título original: *Quardeni del Cárcere.*

GRZYBOWSKI, C. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo.** Petrópolis : Vozes, 1987, 90 p.

GUTERRES, I. **Agroecologia militante** : contribuições de Enio Guterres. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.179.

IMPRESA Alemã. DW.World.De.Deutsche Welle. Disponível em: <[feedback.brazilian@dw-world.de](mailto:feedback.brazilian@dw-world.de)>. Acesso em: 09 jun. 2008.



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS. **Cidades Poço Fundo, MG.** Belo Horizonte. Disponível em: <[www.iga.br/mapas/cgi/iga\\_ooo.php](http://www.iga.br/mapas/cgi/iga_ooo.php)>. Acesso em: 10 de mar. 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Perguntas e respostas sobre a reforma agrária. O que é módulo rural?** Brasília: Incra, 2006. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2008.

KAUTSKY, K. **A questão agrária.** Porto: Portucalense, 1972. 425 p.

LAMARCHE, H. (Org). **A agricultura familiar:** comparação internacional. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. 348 p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MAROY, C. A análise qualitativa de entrevistas. In: ALBARELLO, L ; DIGNEFFE, F; MAROY, C.; RUQUOY, D. ; SAINT-GEORGES, P. de. **Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais.** Lisboa: Gradiva, 1997. 244 p.

MARQUES, P. E. M.; SILVEIRA, M. A.; CARON, D. **Iniciativas em torno da cafeicultura familiar no sul de Minas Gerais:** desenvolvimento territorial em questão. Disponível em: <[http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab\\_Format\\_PDF/106.pdf](http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/106.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2008.

MARTINS, J. de S. **A chegada do estranho.** São Paulo: Hucitec, 1993.179 p.

MARTINS, J. de S. **Caminhada no chão da noite:** emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo. São Paulo: Hucitec, 1989. 147 p.

MARTINS, J. de S. **Capitalismo e tradicionalismo.** São Paulo: Pioneira, 1975. 161 p. MARTINS,

J. de S. **Introdução crítica à sociologia rural.** São Paulo: Hucitec, 1986.224 p. MARTINS,

J. de S. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981.185 p. MARTINS, M.

**Caracterização de sistemas orgânicos de produção de café utilizados por agricultores familiares em Poço Fundo.** 2003. 190 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Departamento de Agricultura. Universidade Federal de Lavras, Lavras.

MOSCOVICI, S. **Homens domésticos, homens selvagens.** Lisboa: Bertrand, 1976. p.278.

MOSCOVICI, S.; HEWSTONE, M. De la science au sens commun. In: MOSCOVICI, S. (Dir.). **Psychologie sociale.** Paris: PUF, 1984. p.53-566.

OLIVEIRA, F. **Economia brasileira:** crítica à razão dualista. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 78. (Seleção Cebrap, 1).

OLIVEIRA, L. H.; SOUZA, C. N.; SILVA, C. B; MARCO, E.; SYLVESTRE, E. P. Caracterização e análise da cadeia produtiva de café orgânico do sul de Minas Gerais: subsídios para o Aumento das Exportações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 55., 2007, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SOBER, 2007. 1 CD-ROM.

- RAMOS, R. V. **A luta pela terra como um processo educativo**: o caso da Fazenda Barreiro, Iturama /MG. 1993. 279 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RUQUOY, D. A. Análise qualitativa de entrevistas. In: DOGNEFFE, L. A.; FRANÇOISE, J. P. H.; MAROY, C.; SAINT-GEORGES, P. de. **Práticas e métodos de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1997. 244 p.
- SANTOS, B.de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 2002. 199 p.
- SANTOS, B.de S. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. In:
- . **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001. p. 55-117.
- SANTOS, B.de S. **Um discurso sobre a ciência**. Porto: Afrontamentos, 2003. 56 p.
- SILVA, G. J. **A modernização dolorosa** : estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 192 p.
- SILVA, G. J. **O novo rural brasileiro**. Campinas, SP: UNICAMP, 1999. 153 p. (Coleção Pesquisas, 1).
- SILVEIRA, M. A. da; CARON, D.; MORUZZI MARQUES, P. E. ; IAMAMOTO, A. T. V. Análise da multifuncionalidade e desenvolvimento territorial em áreas de cafeicultura familiar no sul de Minas Gerais. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7., 2006. Quito, Equador. **Anais...** Quito, Equador :Alasru/Flasso, 2006. 1 CD- ROM.
- SILVEIRA, M. A. da.; FERRAZ, G. J. M.; TORDIM, M.C. **Projeto de pesquisa da Embrapa dá ênfase à cafeicultura familiar orgânica no sul de Minas**. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2006. Disponível em <[http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Silveira\\_Ferraz\\_Tordin\\_projetoID-0ZRghzBTFL.pdf](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Silveira_Ferraz_Tordin_projetoID-0ZRghzBTFL.pdf)>. Acesso em: 14 de mar. 2008.
- SOUZA, M.L.O. **Participação em Associação de Pequenos Produtores**: dilemas da administração coletiva. 1995. 134 p. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.
- SHULTZ, A. A. **Transformação da agricultura tradicional**. São Paulo: Paz e Terra, 1965. 216 p.
- THEODORO, V.C. A. **Caracterização de sistemas de produção de café orgânico em conversão e convencional**. 2001. 214 p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia/Departamento de Agricultura) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.
- VASCONCELOS, M. L. M. C; BTIYO, H. P. (Org.). **Conceitos de educação em Paulo Freire**: glossário. Petrópolis: Vozes, 2006. 196 p.

WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. **O trabalho na terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: UnB, 1997. 192 p

Notas:

<sup>i</sup>Do livro *Pedagogia dos Sonhos Possíveis* (2001, p. 232) organizado por Ana Maria Araújo Freire, composto de entrevistas concedidas por Paulo Freire, em diferentes momentos de sua vida (sem grifos no original).

<sup>ii</sup> Café orgânico está sendo discutido dentro do que se compreende por produção orgânica definida pela Instrução Normativa nº 7 do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, Brasil/1999, ou seja: considera-se como produção orgânica agropecuária e industrial aquela em que se adota tecnologias que buscam otimizar o uso de recursos naturais, sociais, econômicos e culturais. Objetiva a auto-sustentabilidade, a maximização de benefícios sociais, a minimização do uso de energias não renováveis, a eliminação do uso do agrotóxico e outros insumos artificiais tóxicos, organismos geneticamente modificados, radiações ionizantes, dentre outros. Prioriza a preservação da saúde humana e ambiental. Estes entre outros, critérios normativos mais importantes, são exigidos e controlados de acordo com esta normativa em todos os processos de produção, embalagem, armazenamento, transporte e comercialização.

<sup>iii</sup> Conceito usado por Freire (1983; 1992; 2002), explicitado mais adiante.

<sup>iv</sup> Ver explicitação na interpretação de Vasconcelos e Brito (2006, p.179).

<sup>v</sup> A entrevista com Marcia Martins, agrônoma, autora de uma tese de doutorado, realizada em Poço Fundo, citada nesta pesquisa e aqui considerada como dado “testemunho” deste e de outros achados do que estamos chamando de saber apropriado por estes agricultores.

<sup>vi</sup> Paulo, 43 anos de idade. Bairro Barreiro. Casado. Tern dois filhos ( 15 e 17 anos de idade).

Produz café orgânico e sat.( “aproximadamente”30.000 pes de café).Terra própria: 50 ha.